

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

A tábua de moinho

Iran Coutinho
irancoutinho2104@icloud.com

Por que as memórias que ficam gravadas na nossa mente, nos porões da nossa alma, são aquelas aparentemente insignificantes? Ao lembrar da minha infância, surgem cenas nítidas que o tempo não conseguiu apagar. Quero descrever o cenário para voltar no tempo e tentar entender, na minha velhice, aquilo que não era importante, mas que, hoje, são recortes de memória que permanecem vivos.

Estou na fazenda Espírito Santo, no município de Independência, em uma casa de alvenaria com tijolos nus, sem reboco ou qualquer outro acabamento, e com chão de terra batida. Tenho quatro ou cinco anos de idade e estou sentado na tábua de um moinho. Ali, eu ficava grande parte da manhã, e isso chamava a atenção das pessoas, que diziam: “Que menino comportado!” Aparentemente imóvel, eu observava o que acontecia ao meu redor. Lembro da minha mãe, preocupada com os afazeres domésticos, mas que parava para conversar com as pessoas que apareciam na janela da cozinha.

E eu olhava aquela janela como se fosse a janela do mundo. Observava, por exemplo, a vaca ou o novilho que passavam pelos fundos da casa, as galinhas que queriam invadir o nosso espaço doméstico, os gatos que buscavam as sobras das comidas. Tudo despertava a minha atenção, e eu parava para observar cada detalhe como se aquilo fosse algo extraordinário.

Como aqueles momentos traziam uma quietude à minha alma! Aquela tábua de moinho era como uma torre de onde eu observava o mundo. Os gritos da minha mãe, ao repreender por algo que a contrariava, pareciam distantes. Eu era apenas um observador que não interagira com as pessoas. Como era bom me sentir fora da turbulência desse mundo!

Sinto saudades daquela tábua de moinho e, muitas vezes, na minha vida, procuro reinventá-la. Fala-se muito do perigo das redes sociais, que prejudicam a nossa sociabilidade. Mas, sempre existiram as “tábuas de moinho”, ou seja, a nossa tentativa de fugir desse mundo hostil, que causa medo e provoca feridas na nossa alma.

Autismo: quem está ficando para trás

Pedro Furquim
pedro@pedrofurquim.com.br

Há quase 20 anos, o autismo faz parte da minha vida. Primeiro como pai. Depois, como alguém que também recebeu um diagnóstico tardio. E, com o tempo, entendi algo incômodo: o problema nunca foi o autismo. O problema é o que a sociedade faz — ou deixa de fazer — com ele.

O Brasil já tem milhões de pessoas autistas. Mas o Mapa do Autismo Brasil escancara o que existe por trás disso: famílias sobrecarregadas, desassistidas e, muitas vezes, sozinhas. Mais de 23 mil respostas analisadas mostram uma realidade que não cabe mais ser ignorada.

O cuidado tem endereço — e ele é feminino. Mais de 92% dos cuidadores são mulheres. São mães que reorganizam suas vidas, abandonam carreiras e sustentam, emocional e financeiramente, uma rotina que poucos suportariam. Enquanto isso, apenas 7,5% são homens.

É aqui que precisamos falar o que poucos dizem: muitos pais não ficam. E

mesmo entre os que ficam, nem todos assumem, de fato, o peso do cuidado. O autismo não revela apenas diagnósticos — ele revela ausências.

E quando falamos de sustento, a situação piora. Cerca de 30,5% dos responsáveis estão desempregados ou sem renda. Não por escolha, mas porque cuidar exige tempo, energia e presença constante. Ao mesmo tempo, terapias são majoritariamente acessadas pela rede privada, evidenciando desigualdade estrutural.

O discurso de inclusão existe. A estrutura, não.

E há outra camada de invisibilidade: o capacitismo. Ele aparece quando alguém diz “não parece autista”, quando deslegitima diagnósticos tardios ou ignora adultos autistas — mesmo com 30% deles fora do mercado de trabalho.

Quase duas décadas depois, eu não falo de teoria. Falo de realidade.

O autismo não precisa de mais campanhas. Precisa de presença. De responsabilidade. E, principalmente, de coragem para encarar verdades que muitos preferem evitar.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Sinal

Melissa Vasconcelos Gomes
Membro da Academia Ubajarense de Letras e Artes

São tantas as pessoas e as coisas que se passam pela cabeça ao longo dos anos. Sendo tantas, em tão insuportável volume, as treliças arriam e não processam as informações. De início, é sempre fácil olhar para alguém e me lembrar de eternizá-lo. Como tirar o pirulito da boca de uma criança, é fácil. O difícil é saber qual é a gaveta que comporta cada ofício de memória.

No meio da multidão em frente à Igreja, típica de todo Domingo de Ramos, estava sentada uma criança. De olhar encabulado e desdenhoso, olhava-me com a firmeza da candura. Eu a encarava, e ela não deixava de corresponder meus fitos.

O que há entre os céus e a terra quando os olhares de uma criança e uma adulta se observam? Seria presumível responder que a inocência visualiza o sofrimento, mas não para aquela criança, que carregava o medo e a dúvida em seu olhar. Nem o conforto da infância lhe atribuía o brilho da ingenuidade.

Enigmática, sumiu da minha visão e reapareceu com vários ramos na mão, tentando tecer uma cruz. Ao perceber que eu não estava mais a observá-la, procurava me encarar sem que fosse encarada de volta. Tinha uma pinta no canto inferior esquerdo entre seu olho e seu nariz, como eu também tenho. Sendo o meu sinal fraco, e o da menina, forte. Prevejo as marcas de um presente sem nuvens de algodão, e de um futuro tardiamente aplumável para ela. Quem dorme em muitas pedras sem arfar, deitará em fartura. Quem atira muitas pedras sem pensar, deitará em espinhos. A flor que não sofre devaneia para sempre. O ramo que não se move crucifica o justo.

O olhar da menina me atravessou, abraçando minha alma. Talvez porque as crianças saibam reconhecer umas às outras. Os adultos são crianças que desaprenderam a crescer.



O que há entre os céus e a terra quando os olhares de uma criança e uma adulta se observam?



Tela de reprodução

lasmin Bezerra
Estudante da Uece, membro do Conselho de Jovens Leitores O POVO

Acredito que escolhi gostar de cinema antes de saber que era algo seu.

As câmeras me encantaram antes mesmo de você me mostrar, pela primeira vez, uma filmadora.

Devo ter imaginado mil e uma aventuras sem nem conhecer as magias de pisar descalça em um estúdio gelado e com o teto tão alto quanto a sua imaginação.

Você me ensinou que o cinema era muito mais que as salas de exibição que sempre visitávamos aos finais de semana... Até penso que eram as duas horas que você tinha para estar comigo e, se desse sorte, cochilar do cansaço de ser tantas coisas ao mesmo tempo.

Devo ter me encantado, sem perceber, com o seu poder de criar a vida dos outros.

Nunca enxerguei as combinações de cores como você, mas tive que aprender a combinar

as peças de roupa como você fazia enquanto passeávamos naquela kombi quente, de loja em loja pela cidade.

Sinto falta de assistir a um filme pelos seus olhos cansados, mas vibrantes. De te esperar voltar para casa depois de uma gravação, de ouvir seus pés subindo as escadas. Saudade de sonhar junto contigo e de escutar que os caminhos podiam ser feitos andando.

E ter uma filha cineasta? Não... talvez a negativa não fosse tão discrepante assim. Era um sonho de criança, não criaria raiz.

Não pude perguntar: era o medo de não dar certo? De voltar e voltar para a tua frente e chorar por mais uma ideia jogada fora? Quem vai saber...

Mas quem sabe, um dia qualquer desses, meu nome passe como o seu numa tela de cinema? Que nem naquele filme que não encontro para assistir, porém, sei que tem o seu nome escrito nele... Afinal, quem seria a dona dos olhos verdes e do sorriso desconfiado?

Travessia

Maria Clara Ribeiro Porto
Graduanda em Direito, ex-Correspondente O POVO

É comum, mas nada normal, que se tente sentir o vento que um dia foi capaz de fazer as edificações firmes balançarem e encontrar apenas um calor abafado, que não aquece de forma confortável, traz náusea e angústia.

Em algum momento, é a procura agonizante por ar fresco que faz perceber, ainda que minimamente, a porta que te convida a atravessá-la calmamente, sem nada estremecer. Convida, mostrando claramente o caminho sereno e paciente.

Do outro lado, uma brisa leve, com aroma de chuva fina que acabou de passar. A grama verde. O sol surgindo por detrás das nuvens carregadas, que agora choverão em outro lugar.

Não há razão para esperar sol do lado de dentro. É preciso buscar a porta, que se abre sem esforço diante da visão disposta.

Mas, mais importante que isso, é fechar a pequena janela por onde entra o vendaval desorientador, aquele que desarruma toda a orquestra agradável da vida.

Que permaneça viva a lembrança de uma angústia que permeou um dia nebuloso, dessa forma, o sutil respiro completo será desfrutado da devida maneira.

Fortaleza

Ideusmar Faheina
Escritor e poeta

Feliz aniversário de 300 anos. Não sei porque és tão linda, Fortaleza! Se não existe quem te cuida tanto, Talvez, a natural visão do encanto Seja a razão do dom dessa beleza. A tua simetria, com certeza, Mostrando ruas retas, é um espanto... Tua vida noturna em cada canto, Faz a cultura ter grande riqueza. Os verdes mares beijam tuas praias, Onde os coqueiros, casas das jandaías, Esperam sempre o vento lhe abraçar... E eu vou vivendo sempre desse jeito, Com o coração de amor, dentro do peito, Dizendo... Eternamente irei te amar!